

ESTE E ESSE NA FALA E NA ESCRITA DOS NATALENSES: UM ESTUDO FUNCIONALISTA

Maria Arlinda de Macêdo Silva(UERN)
arlindamacedorn@hotmail.com

RESUMO: Já há a algum tempo, os estudiosos da língua vêm dando grande importância ao modo como o falante faz uso desta nas situações reais de comunicação. E, com isso, nos vem sendo oferecido um amplo ambiente no qual as pesquisas linguísticas têm muito a compreender e a tentar esclarecer sobre a língua. Investigações essas baseadas principalmente na interação entre os indivíduos. Haja vista, esta pesquisa visa demonstrar um pouco de como os fenômenos linguísticos são mais recorrentes do que se pensa. Esta análise observa como os natalenses fazem uso dos pronomes, **este** e **esse** tanto na fala quanto na escrita e objetiva, assim, descrever tais usos e suas motivações recorrendo a amostras reais de uso da língua, pois só dessa forma acredita-se ser possível compreender e/ou demonstrar como ocorrem alguns fenômenos da língua portuguesa/brasileira. Utilizamos como amostra o *Corpus* Discurso e Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal, organizado por Maria Angélica Furtado da Cunha (1998). A análise tem como aparato teórico os estudos da Linguística Funcional norte-americana com Hopper (1991); Givón (1995); Heine *et al* (1991); Hopper; Traugott (1993); e Martelotta *et al* (1996), bem como estudiosos tradicionais e funcionalistas respectivamente como Celso Cunha (2010), Evanildo Bechara (2006) que embora seja considerado tradicional apresenta uma visão linguística mais ampla, Ataliba de Castilho (2010), Marcos Bagno (2011), Moura Neves (2011), Cavalcante (2002), Marcuschi (1997) dentre outros. Os resultados evidenciam que os pronomes em análise são utilizados sob uma grande variação de usos e que muitas vezes visam apenas alcançar dado propósito comunicativo do falante, sem se preocupar com o que prega gramática tradicional GT para o emprego dos itens. Enquanto a gramática tradicional pauta o uso desses itens baseado em nomenclaturas gramaticais estáticas. O uso efetivo de **este** e **esse** ainda se apresentam em ampla recorrência observando o quantitativo aqui exposto, que totalizam 806 ocorrências entre as modalidades oral e escrita da língua portuguesa pelos natalenses.

Palavras-Chave: Demonstrativos. Funcionalismo. Gramática Tradicional. Variação e mudança.

INTRODUÇÃO

Observando a língua em uso, percebemos que algumas palavras são mais utilizadas pelos falantes nas diversas situações discursivas, do que outras, e que tais palavras são agregadas ao vocabulário do falante com a finalidade de fazer com que as pretensões comunicativas dos interlocutores envolvidos na interação sejam obtidas. Assim, determinadas palavras mudam sua natureza morfológica, sintática, semântica e/ou discursiva para servir a um dado propósito comunicativo.

É partindo desse aspecto de uso da língua que investigamos se os usos dos pronomes demonstrativos **este** e **esse** utilizados pelos natalenses prestam-se as pretensões desejadas pelos falantes, ou se estes estão preocupados com a aplicabilidade de nomenclaturas gramaticais, demonstrando a estabilidade do uso canônico dos itens.

Segundo o que prega a gramática normativa, os pronomes demonstrativos **este** e **esse** nos conduzem à categorização dos itens com o papel de fazer apontamentos/localizações seja

no *espaço*, *tempo* ou *texto*. Porém, acreditamos haver ainda muito a se conhecer sobre o uso desses pronomes.

Segundo Celso Cunha (2010, p. 190), o uso dos pronomes demonstrativos está relacionando a pessoa ou coisa referente às pessoas gramaticais do discurso, posicionados no tempo e/ou no espaço. Já Bechara (2006, p. 167), defende que os pronomes demonstrativos são os que apontam a posição dos indivíduos em semelhança às pessoas gramaticais do discurso, seja no tempo, no espaço ou no texto.

Como podemos observar, as gramáticas tradicionais apresentam o uso dos pronomes demonstrativos basicamente como elo entre os seres e pessoas do discurso, sendo estes utilizados apenas para cumprimento de terminologia gramatical. Contudo, estudos de natureza funcional vêm nos mostrando uma ampliação no uso destes demonstrativos e apontam que, por meio da frequência com a qual ocorre na interação, eles podem vir a assumir valores cada vez mais ligados ao discurso.

Os pronomes demonstrativos aqui em análise são objetos de estudo para alguns pesquisadores da linguagem há algum tempo, encontramos, pois, na literatura, algumas pesquisas que apresentam o uso de **este** e **esse** sob uma perspectiva de uso, cada vez mais funcional. Câmara Junior (1975), evidencia existir certa predominância de **esse** sobre **este**, estudo esse, que já vem sendo confirmado por Castilho (1993), Marcuschi (1997), Cavalcante (2002), Bagno (2011), e Neves (2011), que também nos apresenta os itens em estudo sob aspectos ligados ao uso.

Segundo Bagno (2011), não existe mais na fala dos brasileiros, diferença entre **este** e **esse**, logo, o autor afirma “não haver na qualquer discriminação entre os pronomes” na língua em uso/fala. Com base nesta afirmação, e nos demais trabalhos existentes, apresentamos os dados da presente pesquisa a fim de somar com os estudos que se ocupam em demonstrar a crescente funcionalidade da língua centrada no uso, pois confiamos ser somente do ponto de vista do uso que conseguiremos explicar fenômenos linguísticos.

Já Castilho (2010), teórico de base funcionalista, trouxe-nos um conceito básico para identificação dos pronomes demonstrativos, definição essa que ainda parece ser insuficiente para contemplar todos os usos dos pronomes **este** e **esse** quando o palco é a língua centrada no uso, em que as possibilidades são criadas pelos falantes e estas encerram o efeito pretendido, já que todo falante nativo utiliza sua língua sem qualquer dificuldade. O autor propõe a dêixis e a foricidade como essenciais aos usos de **este** e **esse** ligados a ocasião extralinguística, condições estas que ampliam e valorizam o uso destes itens, que muito dizem se observados em seu uso efetivo.

Dessa forma, o presente trabalho promove uma apreciação sobre os itens **este** e **esse**, uma vez que podemos notar que os pronomes demonstrativos vêm sendo empregados com múltiplos sentidos pelos falantes da língua portuguesa, fator esse que avaliamos ser bastante relevante para entendermos melhor a nossa língua, observando-a em pleno funcionamento, porque é nesse campo que ela se apresenta com suas amplas possibilidades de uso.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 - Funcionalismo linguístico e paradigma de gramaticalização

Nesta seção, expomos o referencial teórico empregado para a realização desta pesquisa. Começamos por destacar nosso interesse pelo Funcionalismo norte- americano que estuda os processos de variação e mudança linguística tendo como foco a língua em uso.

1.2 Funcionalismo linguístico

A linguística funcional, a fim de explicar e descrever a língua, estuda como os falantes fazem uso dessa ou seja, dá destaque ao contexto real de comunicação, denominando-a como ferramenta comunicativa e, por isso, não deve ser observada de maneira autônoma, isolada. Para essa abordagem teórica, a língua está sempre predisposta à alteração e mudança, não sendo estática, mas sim, moldada de acordo com as necessidades comunicativas de cada falante, uma vez que o discurso vai sendo construído e adequando-se aos interlocutores envolvidos na interação social. Dessa forma, no funcionalismo não há autonomia da sintaxe, mas sim, dependência desta aos meios semânticos e discursivos produzidos pelos falantes.

Para entender a sintaxe, é necessário que esta seja observada na língua centrada no uso, pois, somente nesse plano será levando em conta as condições de produção do discurso, porque é através do discurso que a gramática se apresenta e não o contrário.

Assim, o Funcionalismo opõe-se as abordagens formais, o Estruturalismo e o Gerativismo, uma vez que reconhece o estatuto fundamental das funções da língua na descrição de suas formas, de modo que cada entidade linguística deve ser definida com relação ao papel que ela desempenha nos processos reais de comunicação.

O funcionalismo linguístico contemporâneo difere das abordagens formalistas – estruturalismo e gerativismo – primeiro por conceber a linguagem como um instrumento de interação social e segundo porque seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua. A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as situações discursivas em que se verifica esse uso (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003).

Trata-se, pois, de uma corrente que vem oferecendo uma nova perspectiva aos conceitos sobre linguagem existentes, passando esta, a ser observada como um instrumento usado para interação entre os indivíduos sociais.

Assim, a teoria de cunho funcionalista nos conduz às duas sugestões fundamentais do seu padrão de análise: “a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si; as funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico” (FURTADO DA CUNHA, 2008, p.158). Sob essa perspectiva gramática é percebida como um conjunto de habilidades desenvolvidas influenciadas pelas situações de uso da língua. Segundo Martelotta, Votre e Cezario (1996), essas influências estão pautadas a um conflito de interesses discursivos/pragmáticos principais que pode envolver: a) a finalidade comunicativa do falante em ser significativo e informativo; b) ou o elemento da existência de perdas nos protótipos gramaticais ou no mundo de julgamentos abstratos. Dessa forma, construções gramaticais se ampliam devido às necessidades de comunicação de cada falante ou ainda pela existência de conhecimentos que não estão sujeitos a normas elencadas em compêndios gramaticais.

1.2 GRAMATICALIZAÇÃO

A partir do que foi discutido, entendemos que o uso efetivo da linguagem pelos falantes pode proporcionar algumas inovações linguísticas, que são preenchidas por novas funções de formas já conhecidas, ou novas formas para aquelas que, em função da alta frequência de uso, perderam sua expressividade.

Diante disso, o estudo da gramaticalização faz-se necessário, uma vez que construções sintáticas manifestam-se junto ao léxico, assumindo determinadas categorias, e passam a apresentar funções mais gramaticais. Dessa forma, modifica a estrutura interna da língua, que, uma vez ocorrida, não ocasionará volta à forma original, devido o fator da unidirecionalidade, no qual a língua segue um *continuum* unidirecional que parte de um ponto mais concreto para um mais abstrato, como propõem Traugott e Heine (1991).

Entendemos, pois, gramaticalização, como “o processo pelo qual itens e construções lexicais passam, em certos contextos linguísticos, a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. xv), ou seja, no processo de gramaticalização, esses itens passam por variações de significado e, algumas vezes, perdem seu sentido já registrado na língua.

Em resumo, a gramaticalização é o procedimento pelo qual itens lexicais atravessam um caminho e passam a itens gramaticais e ainda construções menos gramaticais a mais

gramaticais. Assim, “A gramaticalização é interpretada como um processo diacrônico e um contínuo sincrônico que atingem tanto as formas que vão do léxico para a gramática como as formas que mudam no interior da gramática”. (FURTADO DA CUNHA; COSTA & CEZARIO; 2003, p.53)

1.2.1 Mudança e gramaticalização

Meillet foi o primeiro a distinguir o valor da gramaticalização como sendo fator primordial na teoria de mudança linguística. Esse autor é conhecido como por iniciar os estudos contemporâneos de gramaticalização, porque foi ele o primeiro linguista a: a) distinguir a importância da gramaticalização com vistas principalmente na hipótese da mudança linguística; b) utilizar o nome entre aspas “gramaticalização”; e c) dedicar seus afazeres especialmente sobre o tema.

Martelotta, Votre e Cezario (1996), acordam que a gramaticalização dá-se por meio de construção de origem metafórica, bem como metonímica. Os dois mecanismos do processo de gramaticalização caracterizam um procedimento unidirecional abstrato, que cresce gradativamente, com a finalidade de explicar julgamentos por fatores mais próximos possíveis dos conhecimentos humanos, aquilo que é mais difícil de ser compreendido.

Segundo a linha teórica de “gramática emergente” de Hopper (1987), os indivíduos utilizam as estruturas gramaticais de diversas maneiras no discurso, ou seja, atribuem novos sentidos, valores e usos as palavras constantemente. Essas maneiras são reunidas aleatoriamente toda vez que houver interação podendo como efeito dessa reunião, surgir o aparecimento de novas itens linguísticos ou construções gramaticais propensas a gramaticalização, caso continuem a surgir frequentemente em dado contexto.

Assim, o falante utiliza tais modos discursivos para, a partir dos seus conhecimentos precedentes combinando suas gramáticas, que a interação seja eficaz entre falante/locutor e/ou ouvinte/leitor, ou seja, para compreender e ser compreendido. De tal modo, os modelos gramaticais que existem e são utilizados pelos falantes servem de amostra para novos modelos, novas maneiras de utilizar o discurso, que se usado rotineiramente viram construções gramaticais passivas à gramaticalização.

1.2.2 Mecanismos da gramaticalização

Os mecanismos *metáfora* e *metonímia*, dentro da gramaticalização, são considerados como os fatores de motivação do processo de gramaticalização. Segundo Heine (1994), esses mecanismos vem dá conta do fenômeno de entidades concretas (físicas) vem representar

entidades menos concretas (não físicas) são os mecanismos da metáfora e da metonímia, os quais ele define como: a) a transferência conceptual (metáfora), que aproxima domínios cognitivos diferentes; b) a motivação pragmática, que envolve a reinterpretação induzida pelo contexto (metonímia).

Dessa forma, as línguas têm como propriedade um preceito cognitivo com base na experiência, que age e motiva as legitimidades que podem ser notadas, na derivação dos significados e na sua passagem, do campo real para o campo dos lugares mais abstratos, ou seja, adotam o trajeto *concreto* > *abstrato*.

Heine et alli (1994) formulam uma escala unidirecional, que permite-nos compreender que o desenvolvimento das construções gramaticais pode ser descrito através de categorias cognitivas como segue abaixo:

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

Cada uma das categorias concebe uma variedade de definições distintas, composta de uma esfera de conceitos relevantes para o conhecimento humano.

1.2.3 Princípios e efeitos da gramaticalização

a) Princípio da Unidirecionalidade

A unidirecionalidade, mesmo sendo alvo de questionamentos, tem sido cada vez mais coligada à teoria da gramaticalização, uma vez que vem sendo utilizada para esclarecer seus fenômenos, configurando-se, portanto, como o único princípio capaz de explicar o caminho que os fenômenos seguem na gramaticalização.

Segundo este princípio, o item lexical percorre um caminho que se apresenta na passagem de um ponto mais (concreto) representado por aquilo que está mais perto do conhecimento do falante/locutor para um mais (abstrato), aquilo se projeta agora mais distante do seu conhecimento, caminho que segue sempre dá esquerda para a direita, não sendo possível voltar nessa escala e assim seguindo um *continuum* unidirecional, ou seja, a passagem de itens lexicais para gramaticais ou menos gramaticais, jamais o contrário, conforme a escala proposta por Traugott e Heine (1991): espaço > (tempo) > texto.

Assim, itens existentes no discurso e não estáveis na gramática que apresentam algum papel gramatical têm possibilidade de ganhar um valor sintático e morfológico de acordo com o alto índice de usos e em maior grau de frequência, tornando-se mais abstrato podendo perder seu sentido cristalizado na língua.

b) Princípio da Iconicidade

Esse princípio está cognitivamente ligado à mudança *metafórica* (relação) e à passagem *metonímica* (reanálise) e, por influência, à gramaticalização. A iconicidade é determinada como a encadeamento motivado entre forma e função, em episódio oposto à arbitrariedade. Os funcionalistas defendem a ideia de que a construção da língua medita de alguma forma, a composição do conhecimento humano, ou seja, há uma relação entre a construção das palavras e o significado por elas apresentado, como por exemplo, “tique-taque”, som do funcionamento de um relógio, de alguma forma o som produzido pelo relógio está ligado à ideia que se tem sobre esse som. (MARTELOTTA 2009)

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa toma como fonte de dados o *corpus* D&G – Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal. Verificamos os textos em que se emprega **este** e **esse**, mencionados em cinco gêneros textuais: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião.

Para obtenção dos objetivos almejados para esta investigação empírica elencamos e reunimos os dados utilizados como amostra, observando a faixa etária, o gênero/sexo e grau de escolaridade dos informantes em paralelo as escolhas dos falantes para o uso das variantes de **este** e **esse** com a finalidade de atingir seu propósito comunicativo na interação social. Considerando ainda, o caminho percorrido pelos itens segundo os princípios de variação e mudança linguística, propostos pelo funcionalismo norte americano bem como estudos contemporâneos sobre tais demonstrativos.

3. TRAJETÓRIA DE “ESTE” E “ESSE” NA FALA E NA ESCRITA DOS NATALENSES

3.1 Conceitos e apresentação dos resultados

Observando o que dizem os gramáticos tradicionais e estudos contemporâneos de natureza funcional acerca dos pronomes demonstrativos em análise, apresentamos abaixo os usos de **este** pelos natalenses. Nas gramáticas tradicionais, o conceito para os demonstrativos estão basicamente relacionados como localizador das pessoas do discurso, conceito que para nós se desfaz ao longo da pesquisa, os usos de **este** totalizam 51 ocorrências. Alguns desses usos só são reconhecidos por alguns gramáticos como Celso Cunha (2010), que nos oferece valores afetivos para o uso dos demonstrativos, o valor afetivo com intuito de dá *ênfase* por exemplo. Valor aqui levando em conta como funcional desse uso, que permite ao falante atribuir sentimento ao que diz.

Acreditamos que o baixo número de ocorrências para **este** se dê além desse uso indiscriminado dos demonstrativos em análise, mais também pelo fato de tratar de uma categoria mais *marcada*, uma vez que requer uma adequação mais normativa da qual o falante muitas vezes não as conhece ou não lembra e prefere não arriscar no uso, empregando os pronomes **este** ou **esse** sem qualquer discriminação normativa, preocupando-se apenas com o propósito comunicativo desejado.

Na Tabela 1, apresentamos os dados referente a **este** observando sexo e escolaridade e variantes detectadas.

Tabela 1: Percentual *este* e variantes conforme sexo e escolaridade dos informantes

CLASSIFICAÇÃO	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	MS	FS	2º GRAU		8ª SÉRIE		PERCENTUAL
				M	F	M	F	
DEMONSTRATIVO DE ESPAÇO	9	3	4	-	-	1	1	18%
DEMONSTRATIVO DE TEMPO	4	-	3	1	-	-	-	8%
TEXTO	4	1	2	-	1			8%
NÃO PADRÃO	30	7	8	3	6	3	3	59%
RETOMADA	2	-	-	1	1	-	-	4%
DÁ ÊNFASE	2	-	1	-	-	1	-	4%
TOTAL	51	11	18	5	8	5	4	100%

Fonte: Fonte: *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFERN, 1998. Dados organizados pelo autor.

Na Tabela 1, observamos o **este** e seus variantes totalizaram 51 ocorrências e que, por meio da frequência, que 59% das ocorrências do **este** não se encaixam nas variedades normativas existentes, e sim no tipo *não padrão*, uso que aparece nas três escolaridades, porém metade do total de suas ocorrências foram usadas somente por informantes do ensino superior, seguido do segundo grau e da oitava série. Relativo aos usos canônicos do item, como *demonstrativo de tempo* e *demonstrativo de espaço*, também ocorreu mais nesse nível. Vale ainda ressaltar que na oitava séries, temos uma baixa frequência do item **este**, talvez os alunos, por terem menos amadurecimento sintático, ainda recebem em usá-lo.

Quanto ao sexo, averiguamos que o item é empregado mais por mulheres do que por homens, possivelmente devido as mulheres terem mais preocupação com a norma padrão da língua, elas tanto usaram mais do que os homens o **este** com sentido padrão, quanto no sentido *não padrão*, temos das 51 ocorrências, 30 usadas por mulheres e 21 por homens.

Assim sendo, compreendemos que o pronome passa por mudanças semânticas expressivas e, por esse motivo, não pode ser compreendido simplesmente situando sintaticamente coisas e/ou pessoas do discurso, uma vez que, a frequência mais alta se dá justamente em um “novo” uso não expresso nas gramáticas tradicionais.

Na Tabela 2, apresentamos os dados referente a **esse** observando sexo e escolaridade e variantes detectadas.

Tabela 2: Percentual esse e variantes segundo sexo dos informantes

CLASSIFICAÇÃO	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	MS	FS	2º GRAU		8ª SÉRIE		4ª SÉRIE		PERCENTUAL
				M	F	M	F	M	F	
Não Padrão	235	92	69	10	13	3	3	-	5	31%
Demonstrativo de tempo	50	18	10	4	13	3	-	-	2	7%
Demonstrativo de espaço	261	54	20	62	71	17	37	-	-	35%
Texto	53	16	17	1	5	13	1	-	-	7%
Retomada	119	36	38	17	20	3	5	-	-	16%
Dá ênfase	36	1	6	2	21	3	3	-	-	5%
Pronome alternativo	1									0%
TOTAL	755	217	160	96	144	69	62	-	7	100%

Fonte: Fonte: *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRRN, 1998. Dados organizados pelo autor.

Observando a Tabela 2, vemos que trata-se de um item de ampla funcionalidade, pois, enquanto na Tabela anterior tínhamos 51 ocorrências de **este**, temos na Tabela 2 o número de 775 ocorrências de **esse** pelos informantes do *corpus*.

Notamos que em todos os níveis de escolaridade o pronome **esse** é bastante frequente, exceto na quarta série, devido ser a menor escolaridade. Os falantes do superior, utilizaram **esse** 377 vezes, sendo 161 *não padrão*, mostrando que é do nível mais alto que vem mudança do item. As variantes de maior uso foram *espaço* uso canônico pelo ensino superior, logo após vem 2º grau seguido por 8ª série, a segunda variante mais usada foi a *retomada* sendo mais da metade dessas pelo superior feminino SF, seguido do superior e do 2º grau invertendo a ordem anterior do SM e SF, depois temos respectivamente *tempo*, *texto* e *ênfase*, considerado aqui mais relevante esta última usada em maior número pelo sexo feminino do 2º grau, acreditamos que por ser um uso de alto valor discursivo.

No tocante ao sexo dos informantes, percebemos que ambos utilizam o pronome **esse** em proporção equiparada, são 373 usos masculinos e 382 femininos. Acreditamos que mesmo com uma leve diferença entre os sexos haja motivações distintas de ordem discursiva na hora da escolha e, por isso, as mulheres permanecem utilizando mais o item.

Notamos através do percentual apresentado, que o *demonstrativo de espaço*, 261 ocorrências, é quem se apresenta em maior escala de usos, seguido pelo uso *não padrão*, 235 ocorrências. Verificamos que o item em estudo se apresenta com as marcas tradicionais em grande escala. Detectamos também um uso bastante interessante que demos o nome de *pronome alternativo*, onde por meio de pronome demonstrativo o falante dá valor de alternância sem nenhum outro recurso linguístico para isto, mas esse tipo de uso só ocorreu na fala, por isso, acreditamos ser pouco provável um uso tão distinto ocorrer na escrita, onde as pessoas geralmente se policiam um pouco mais.

Os resultados apontam para a ampla funcionalidade de **este** e **esse**, pois, apresenta um alto índice de ocorrências, bem como a variação destas quando observamos os usos por escolaridade e sexo dos informantes em estudo.

3.2 O percurso de gramaticalização dos pronomes *este* e *esse*

Acreditamos que as mudanças e variações pelas quais vem passando os usos de **este** e **esse** seja resultado de um processo de gramaticalização, pois se percebe uma mudança não na estrutura, mas nas escolhas dos falantes, o alto índice de ocorrências de **esse**, que muitas vezes assume o lugar de **este**, sem que haja motivações explícitas por parte dos falantes, trata-se assim de uma mudança semântica que está ligada ao contexto no qual estão localizados os sujeitos no ato comunicativo.

Faz parte de extrema relevância nesse processo de mudança, o papel interação, da cognição no qual estão inseridas as capacidades humanas em produzir a mudança para atender seus propósitos comunicativos, que só aparecem no uso da língua, Martelotta (2011).

E, por fim, apontamos a importância para o esclarecimento das motivações que cercam a mudança e variação no uso de **este** e **esse** o mecanismo da *metáfora*, que nos conduz cognitivamente por estágios abstratos através de conceitos concretos (Martelotta, 2011).

Diante do exposto e dos dados obtidos na análise cremos os itens sugerem os seguintes percursos de mudança por gramaticalização:

Trajetória percorrida por **este**:

NÃO PADRÃO > ESPAÇO > TEMPO > TEXTO > RETOMADA > ÊNFASE

Trajetória percorrida por **esse**:

**ESPAÇO > NÃO PADRÃO > RETOMADA > TEMPO > TEXTO > ÊNFASE >
PRONOME ALTERNATIVO**

Vemos que o itens em análise apresentam um percurso de gramaticalização distintos, porém semelhantes, pois as categorias PADRÃO e NÃO PADRÃO estão lado a lado, ora uma na frente, ora outra, também que a categoria TEMPO, nas duas trajetórias, apresentam-se depois dos usos padrão e não padrão, e antes de TEXTO, e ainda que os usos mais inovadores aparecem em menor escala, localizando-se no final. Esses usos normativos e funcionais atestam que nomenclaturas gramaticais fechadas não são suficientes para dar conta dos usos dados pelos aos demonstrativos e que só é possível observar a língua baseada no uso.

4. CONCLUSÕES

Sob a luz do Funcionalismo norte-americano, que abriga o princípio da gramaticalização, averiguamos que cinco tipos de usos, *não padrão*, *retomada*, *texto*, *dá ênfase* e *pronomes alternativo*, são acrescentados aos valores canônicos, *demonstrativo de espaço e demonstrativo de tempo*, dos pronomes **este** e **esse**; e que os tipos *não padrão* e *padrão* apresentam maior frequência, os demais usos, por serem mais abstratos, distanciando-se do uso canônico, aparecem em porcentagem menor. Além disso, atribuímos a discrepância entre a frequência do **este** e do **esse** devido os itens ainda estarem passando da forma mais marcada para a menos marcada respectivamente.

Também identificamos que os “novos” usos dos pronomes analisados vem do maior grau de escolaridade, o ensino superior; e que as mulheres são mais conservadores do uso prescrito pelas gramáticas do que os homens.

Ainda tentando descrever os critérios utilizados pelos falantes para os “novos” usos, observamos que os modelos prescritos pela gramática tradicional vêm perdendo espaço como padrões do bem falar, tendo em vista que a língua permitir a concepção e a assimilação de diferentes sentidos para uma única forma e vice-versa, pois o falante faz uso dela obedecendo padrões internos e externos, com base na sua intenção na situação comunicativa.

E, por último, buscamos auxiliar a “lida” do professor de língua portuguesa, apontando os pronomes estudados como um componente dotado de múltiplas possibilidades de usos. Entendemos que o melhor caminho para orientar os estudos com a linguagem é a reflexão; e que a competência comunicativa não está no domínio das regras gramaticais, pois elas consideram a língua fora de contexto, e somente na interação sociocultural entre os indivíduos que ela se apresenta de forma plena, é sob esse aspecto que devemos ensiná-la.

Acreditamos que trabalhos dessa natureza, mesmo que ainda inicial, só tem enriquecer o ensino de língua materna, uma vez que amplia as possibilidades do falante em relação ao desenvolvimento da sua competência comunicativa, que não depende apenas de regras prescritas nas gramáticas normativas.

5. REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BAGNO, Marcos. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia de variação linguística*. São Paulo. Parábola, 2007.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37^a. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

- CASTILHO, Ataliba. Teixeira. *Gramaticalização: estudos linguísticos e literários*. UFBA, 19, mar, 1997.
- CASTILHO, Ataliba. T. *Nova gramática do português brasileiro*. 1ª ed. Editora Contexto, 2010.
- CAVALCANTE, M. M. *O demonstrativo e seus usos*. Perspectiva, Florianópolis, 2002.
- CUNHA, C. *Gramática do português contemporâneo: edição de bolso/Celso Cunha: organização Cilene da Cunha Ferreira – Rio de Janeiro; Lixicon; Porto Alegre, RS:L&PM, 2010.*
- FILLMORE, Charles. *Lectures on deixis*. California: CSLI Publications, 1997.
- FURTADO DA CUNHA, Maria. Angélica. *Corpus discurso e gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRRN, 1998.
- FURTADO DA CUNHA, Maria. Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.) *Manual de Linguística*, São Paulo: Contexto, 2008.
- FURTADO DA CUNHA, Maria. Angélica FURTADO DA CUNHA, Maria. Angélica.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. A.; MARTELOTTA, M. E. *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Philadelphia: Benjamins 1995.
- GIVÓN, Talmy. *Historical syntax and synchronic morphology: an archeologist's field trip*. Chicago Linguistic Society 7, 1971.
- GONÇALVES, S. C. L. et al. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Org.) *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HOPPER, P.J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B.(eds.) *Approaches to grammaticalization*. Vol. I. Amsterdam: Benjamins, 1991.
- LAKOFF, G & JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- MARCUSCHI, L. A. A dêixis discursiva como estratégia de monitoração cognitiva. In: KOCH, Ingedore G. V.; BARROS, Kazuê S. M. (Orgs.). *Tópicos em linguística de texto e análise da conversação*. Natal: EDUFRRN, 1997. p. 156-71.
- MARTELOTTA, Mario. Eduardo. *Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.
- MARTELOTTA, Mario. Eduardo. (org) *Manual de Linguística*. São Paulo; Contexto, 2009.
- MARTELOTTA, Mario. Eduardo.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (orgs.). *Gramaticalização no português: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ. Departamento de Linguística e Filologia, 1996.
- MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. In: *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion 1912/1948.
- NEVES, Maria. Helena. Moura. *A gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- NEVES, Maria. Helena. Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2011.